

A Selva que nos Habita

Pensar a fotografia contemporânea na Amazônia é, antes de tudo, um exercício de memória, no qual a contextualização da produção recente do(a)s autore(a)s, dentro da história da fotografia, é fundamental.

Se elaborássemos um pensamento diagramático sobre o tema, a imagem que primeiro me vem à mente é a de um grande rio, como o amazônico rio Negro, ou o Solimões, que formam o Amazonas, com seus cursos, suas florestas inundadas, suas margens e terras caídas: o rio como a História, com o fluxo de água apresentando o grande fluxo de imagens. Então, podemos ver o igapó, com suas árvores refletidas nas águas, dividindo essa história em *flexus* e *reflexus*. A primeira parte dessa história - *flexus* - seria a produção fotográfica, desde os seus primórdios até a modernidade, e a segunda - *reflexus* - a produção contemporânea no conceito mais expandido de seus usos e apresentações. Já, as diferentes formas e tamanhos das árvores, com seus troncos e galhos, correspondem a como cada autor (a) e sua produção dão a contribuição na construção da visualidade amazônica e seus imaginários.

Enquanto isso, as folhas vão caindo das árvores, como se fossem os milhões em *bytes* de fotos e vídeos da era das imagens compartilhadas nas redes sociais.

Uma história sem fim, na qual as imagens se conectam das mais diferentes formas, a se mostrar neste *flexus* e *reflexus*, seja por temas que se repetem em um fluxo contínuo, ou por "apercebenças", - um conceito de Didi-Hubermann, que se refere à semelhança de certas imagens -, seja por um gesto, por um elemento comum que elas contêm, ou por razões de ordem estética ou imagética, mas que se ligam. De certa forma, lembram conceitos presentes na gênese da iconologia com Aby Warburg.

Aqui em "**A Selva que nos Habita**", procura-se um equilíbrio entre o documental e o contemporâneo, entre o local e o estrangeiro, entre o a subjetividade e a objetividade, entre a fabulação e a realidade.

Ao atender a um chamado para criar junto a Lau Zanchi uma exposição, na qual se propõe um diálogo entre a literatura e fotografia a partir da obra "A Selva", de Ferreira de Castro, o que seria uma individual, transforma-se em uma grande coletiva, a unir diversos olhares, do passado, do presente e por que não do futuro. São criadores, o(a)s quais suas obras tem uma conexão entre si, seja pela imagética, pelo discurso, pelo conceito, pelo território, pelo ativismo, mas que de alguma forma, como a floresta se conecta pelas raízes, comunicam-se e buscam entender o momento no qual estamos inseridos na Amazônia, com suas contradições, seus dilemas e desafios.

No ano passado, uma pesquisa de minha autoria junta dois portugueses que foram contemporâneos (do início do século XX) Ferreira de Castro com o fotógrafo Silvino Santos. Enquanto o primeiro com seu romance narra toda uma história de dor e sofrimento dentro do seringal Paraíso com as suas contradições, desde da exploração da mão de obra análoga à escravidão, ao genocídio dos

povos originários e o racismo e preconceito que por ali imperavam para a construção do chamado fausto amazônico do ciclo da borracha (uma ilusão), a Manaus da *belle-époque*, a Paris dos Trópicos, ou seja a história inventada a partir do olhar dos “vencedores”, o olhar do capital e que Castro com seu olhar humanista se opunha. O segundo, Santos era de certa forma um criador dessa narrativa do capital, contratado pelos maiores produtores da época, os barões do látex como J.G Araújo e Júlio Araña, este último o contratou para filmagens em suas seringais no alto Solimões, onde o povo Witoto foi dizimado por suas atividades econômicas e práticas nada nobre de relações de trabalho. Denunciado em 1910 pelo irlandês Roger Casement. Araña queria mostrar para seus compradores uma outra realidade, na qual omitia-se todo e qualquer problema em relação aos povos originários e sua relação de trabalho escravo.

Ao ter acesso às obras raras das primeiras edições de Selva na Biblioteca Pública do Amazonas, escolhi alguns trechos do livro nos quais se retratam esta realidade cruel dos seringais para contrapor com as imagens de Santos, com um forte viés, de eugenia e preconceito em relação aos povos e as quais tive acesso no Museu Amazônico, da Universidade Federal do Amazonas. Com uma técnica da dupla exposição direta na câmera tentei unir ou como se diz nos dias de redes sociais *shippar* os dois portugueses para uma “conversa da contradição”. Pois, por detrás da “história oficial” do ciclo da borracha, há uma história esquecida, quase não narrada, a do genocídio indígena e de milhares de nordestinos que morreram vítimas de condições desumanas de trabalho e de doenças tropicais.

Neste sentido como Márcio Souza afirma em “Silvino Santos, o cineasta do ciclo da Borracha”, a escrita de Castro se aproxima do espírito das obras de Euclides da Cunha (Os Sertões); Alberto Rangel (Inferno Verde) e Alberto Torres (As Fontes da Vida no Brasil) e se distancia da necrofilia parnasiana. “*Ferreira de Castro é o primeiro escritor a apanhar a realidade da vida amazônica numa linguagem coerente e pensada criticamente*”. (Márcio Souza, p.70; 2007). Por outro lado, a jovem liderança indígena, Vanda Witoto em um artigo publicado no jornal brasileiro, O Globo em dezembro de 2023 por conta do lançamento do filme de Silvino Santos, “Amazonas, O maior rio do mundo”, de 1918, achado recentemente na República Tcheca e já considerado o primeiro documentário da história do cinema, afirma: “Estão ali ‘os primeiros registros de nós’, que ficamos a sombra da História. As imagens nos registram, mas não nos contam”.

Ao pensar nisso tento em “A Selva que nos Habita” fazer um recorte do mais relevante da cena da fotografia e das artes visuais feitas por artistas da Amazônia brasileira, por amazonenses, por pessoas que escolheram a região para habitar ou construir grande parte das suas obras.

Dos amazonenses natos estão presentes: Juliana Pesqueira, jovem fotógrafa, cineasta, educadora e artista; Raphael Aves, fotógrafo, documentarista e fotojornalista; Jarê Pinagê, o Transkurumim, jovem indígena, diretor de fotografia e artista visual; Samela Saterê –Mawé, jovem bióloga, ativista, comunicadora e influencer indígena; Márcia Kambeba, escritora, artista visual e educadora; Sioduhi, estilista e pesquisador de tecidos e tinturas naturais e o do povo Pira-

Tapuya e o convidado Denilson Baniwa, uma das principais referências da arte contemporânea brasileira.

Dos que escolheram a Amazônia como morada, Bruno Kelly, fotojornalista; Ariene Susui, jovem jornalista e ativista do povo Wapichana; Marcela Bonfim, fotógrafa e multiartista. Dos que escolheram a Amazônia como foco de seus trabalhos e aqui estão como artistas convidados temos: o italiano Luca Meola; o português, Paulo Magalhães que vê a Amazônia como um bem comum a ser cuidado por todos; Neide Bandeira, historiadora, ativista dos povos indígenas e Marilene Ribeiro com seu ensaio “Fogo Aberto”, sobre o “Dia do Fogo”, acontecimento trágico ocorrido no Pará em 2021. E do Pará, o grande Alexandre Sequeira, artista visual e acadêmico com sua obra sobre *Fordlândia*.

Por fim, o consórcio internacional de jornalismo ***Forbidden Stories***, formado por mais de 150 jornalistas, de 49 países diferentes e de cinco continentes. Desde a sua criação, 60 organizações de notícias trabalharam nas investigações colaborativas. Aqui representados pelas equipas da **SIC TV; jornal Expresso, Agência de jornalismo independente Amazônia Real e pela Rede Globo**, que em 2023 se uniram para dar continuidade ao trabalho de Dom Philips e Bruno Pereira assassinados em 2022 no Vale do Javari, território indígena no Amazonas.

Alberto César Araújo
curador da exposição